
Cidades de província e cultura provinciana: a construção das identidades urbanas entre os finais do século XIX e a alvorada do século XX

Maria Alexandre Lousada - m. lousada@campus.ul.pt ;

cidades provinciano representações cultura

Maria Alexandre Lousada

Centro de Estudos Geográficos / IGOT – Universidade de Lisboa

Cidades de província e cultura provinciana: a construção das identidades urbanas entre os finais do século XIX e a alvorada do século XX

O renovado interesse pelas relações entre cultura e sociedade, conjugado com os novos quadros teóricos dos estudos culturais, traduziu-se numa atenção particular às práticas culturais e ao papel das representações. No que diz respeito ao mundo urbano, os estudos concentram-se fundamentalmente nas metrópoles ou nas cidades capitais. Esta situação conduziu a que, recentemente, se venha insistindo na necessidade de desviar o olhar para as “cidades periféricas” e para a diversidade dos fenómenos culturais em meio urbano. Nas áreas científicas de história, sociologia e literatura existe já um número significativo de trabalhos sobre a cultura urbana em Portugal nos séculos XIX e XX. Porém, a maior parte dessa produção científica tem privilegiado os casos de Lisboa e do Porto, sendo relativamente escassos os estudos sobre as “cidades de província” e a “cultura provinciana”. No quadro actual da geografia humana em Portugal predominam as abordagens centradas nas relações entre economia e espaço, com enfoque particular nos padrões de interacção espacial e no funcionamento dos sistemas urbanos. Alguns, poucos estudos, trataram dos estilos de vida nas cidades médias, mas as abordagens são geralmente circunscritas à actualidade. Tal deve-se, à tendência recente da disciplina para privilegiar os trabalhos com aplicação directa no ordenamento do território, desprezando o estudo do impacto da história no presente e o papel da memória na construção das identidades territoriais.

Os estudos sobre as representações e os imaginários sociais têm vindo a mostrar o poder das representações sobre a própria realidade que é suposto reflectirem e a importância do olhar do observador na construção desses imaginários. Tal como sucede com as representações do orientalismo, das mulheres ou dos trabalhadores está-se perante a representação do “outro” – o provinciano. A história da construção desses “outros” tem

demonstrado a força e a perpetuação dos estereótipos, incluindo sobre os próprios representados.

As últimas décadas do século XIX foram um período fundamental na construção de novas identidades colectivas, na qual a produção de novas tradições desempenhou um papel relevante. Entre elas, as imagens que os coevos têm das cidades de província, dos seus habitantes e da sua cultura. Podemos encontrar diferentes formas de representação da cultura provincial e respectivos actores na literatura, na fotografia, nas revistas “sociais” da época, no cinema emergente, na pintura.

O estudo preliminar que aqui se apresenta descreve e analisa a construção desse estereótipo em três tipos de narrativas: a literária, a turística e a jornalística. Em cada um desses géneros escolheram-se textos que tiveram grande divulgação na época. Esses critérios – o género e a tiragem – permitem afirmar que, mesmo que circulassem apenas no interior do mundo letrado, reflectiam a imagem que os contemporâneos tinham das cidades de província e, ao mesmo tempo, contribuía para a produção dessa imagem. Os textos sobre os quais se debruçará esta primeira abordagem são *As Farpas de Ramalho Ortigão*, alguns dos guias turísticos nacionais e estrangeiros de maior circulação (como *O Manual do Viajante em Portugal* de Mendonça e Costa (1907) que conheceu várias edições em pouco tempo, o guia *Baedeker, Espagne et Portugal* (1908) ou o folheto *A Formosa Luzitânia* editado em 1916) e a revista *Ilustração Portuguesa* que, na década de 1910, chegou a ter tiragens na ordem dos 20mil exemplares e que dedica muitas das suas páginas às actividades sociais e culturais ocorridas fora de Lisboa, chegando a ter uma secção chamada “Pelos Províncias” e outra “Portugal Pitoresco”. É certo que muitos outros autores e textos poderiam ser incluídos (por exemplo, *Eça de Queirós* e a imprensa regional), mas o carácter exploratório desta pesquisa impediu, por agora, esse alargamento.

Considera-se que o período escolhido foi fundamental para a definição das identidades das cidades de província: o fim das guerras civis, a criação dos distritos e das suas capitais, a constituição do mercado nacional, a construção da rede de caminho de ferro e de estradas, a difusão da imprensa, contribuíram para o fim de um certo localismo, para a circulação do modelo lisboeta de cidade. Por outro lado, a segunda metade do século XIX é também o período em que as cidades de média dimensão crescem demograficamente a uma das taxas mais elevadas. Trata-se portanto de uma época de crescimento e mudança das cidades de província e das suas populações que gerou a procura de uma identidade própria baseada na descoberta da história local, na rivalidade entre as cidades e na afirmação da diferença dentro do “mundo da província”.

A análise privilegiará a descrição e as imagens daquilo que é apresentado como constituindo as características definidoras de “província”. Ou seja, as representações da cultura provincial urbana expressas no texto escrito e na iconografia não apenas como um espelho da sociedade portuguesa de então, mas também na perspectiva quer duma auto-imagem, quer do olhar do outro sobre essa mesma cultura. Narrativas e imagens que contribuíram para o estabelecimento duma imagem forte e duradoura das cidades de província, baseada nas suas práticas culturais dos seus habitantes e nos seus espaços públicos.